

UM CONTO DE NATAL DE  
**MARCO DE CASTRO**



PAPAI NOEL FIDAPUTA

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE  
**MARCO DE CASTRO**

# **PAPAI NOEL FIDAPUTA**

“O Papai Noel deve estar sempre sorrindo e de bom humor. É importante transmitir doçura às crianças, valorizar o estudo e elogiar boas condutas. O momento de encontro de uma criança com o Bom Velhinho é mágico e inesquecível. Ela se lembrará deste momento por toda a vida.”

— **Orientação aos profissionais que atuam como Papai Noel em estabelecimentos comerciais, no fim do ano —**

“Papai Noel, velho batuta

Rejeita os miseráveis.”

— **Garotos Podres —**

“Papai Noel fidaputa que usa essa roupa quente do caralho”, pensava Edirley, suando sob os trajes do Bom Velhinho, que ficavam um pouco apertados nele. Sorria com esforço, enquanto posava para a câmera do celular de uma mulher obesa, cliente da loja. No colo dele, o filho da tal mulher — devia ter uns oito anos, e ser mais pesado que a mãe;

parecia um saco de chumbo sobre a perna direita, o que fazia a bunda de Edirley doer ainda mais no duro trono vermelho, feito de material vagabundo.

O relógio da parede marcava duas da tarde. Faltavam quatro horas para o fim do expediente. Era sexta-feira, 22 de dezembro, e fazia 36 graus no centro de São Paulo. Lotada, a loja da Rua Coronel Xavier de Toledo vendia eletrodomésticos, mas seu ar-condicionado era uma bosta.

Depois do moleque gordo, chegou uma menina bem menor, de uns cinco anos. Era preta. Edirley não gostava de pretos. Por isso precisou se esforçar ainda mais para sorrir para a fotografia seguinte, tirada pelo pai da menina. Após a foto, a garotinha se virou para ele e perguntou, sorridente e meiga:

— Papai Noel, você vai me dá a boneca que eu pedi pra você na cartinha que eu escrevi junto com a mamãe e ela te mandô pelo correio pra você recebê no Polo Norte?

Com ansiedade e esperança, ela aguardou por uns três segundos a resposta.

— Depende, menina. Papai Noel recebe pedido demais nessa época e acaba ficando de saco cheio.

Ela não entendeu bem o que ouviu, mas entendeu que não era legal. Além disso, o hálito daquele Papai Noel fedia, e o lindo sorriso dela foi se transformando aos poucos em uma careta. Mas antes que ela começasse a chorar e isso pudesse causar alguma encrenca com o pai, um homem alto que lembrava o lutador Anderson Silva, Edirley passou a mão na cabeça da garotinha e disse:

— Tô brincando, tô brincando...

Encheu a mão com pirulitos do enorme saco vermelho a seu lado, deu para a menina e desejou feliz Natal a ela e sua família. Quando a garotinha saiu de seu colo, ainda com uma cara estranha, Edirley sinalizou à moça que controlava a fila, indicando que precisava ir ao banheiro. Ela fez sinal para que esperasse um pouco.

Posou para fotos com mais duas crianças. A mãe do segundo menino era uma loira de 30 e poucos anos. Ao lado dela estava a filha mais velha, de uns 13. A adolescente usava um vestido curto, colado ao corpo,

e era bem parecida com a mãe. “Bem que a irmãzinha podia vir sentar também no colo do Papai Noel”, pensava Edirley enquanto sorria para a foto. Depois que essa família foi embora, a moça da fila, que sempre o olhava com cara de cu, sinalizou com um movimento de cabeça que ele estava liberado para ir ao banheiro.

Com certa dificuldade, Edirley se levantou do trono vermelho sentindo o rabo formigar e o suor escorrer pelas pernas sob a calça quente apertada. O tecido grudava na bunda e na parte de trás das coxas. Antes de ir ao banheiro, passou na sala de armários dos funcionários. Lá, dois jovens com uniforme da loja jogavam conversa fora, fazendo hora. Um deles cumprimentou Edirley.

— Salve, Papai Noel! Suave, na moral?

Edirley só acenou e disse:

— Oi, oi...

Em seguida escutou os jovens dando risada. Estavam tirando onda da cara dele, “moleques de merda”. Curvou-se para mexer na sacola onde estavam suas roupas.

Como só fazia bico na loja, não tinha armário. Suas coisas ficavam jogadas em um banco, no canto da sala. Disfarçando para que os dois jovens não vissem, tirou do meio das roupas da sacola uma garrafa plástica de 500 ml de pinga adoçada Corote, a famosa “Barrigudinha”. Escondeu sob o casaco vermelho e saiu da sala, passando novamente pelos jovens que faziam hora. Um deles voltou a dizer algo ao Papai Noel, mas Edirley nem olhou para a cara do “sacatinha de merda”. Foi direto ao banheiro, entrou em uma cabine, fechou o trinco e se sentou sobre a tampa do vaso sanitário. Abriu o Corote e deu uma talagada.

Era a primeira vez que Edirley se vestia de Papai Noel na vida e o terceiro dia trabalhando naquela loja de eletrodomésticos de bosta, que não era de nenhuma rede conhecida e vendia produtos baratos, de marcas meia-boca. Suportou os dois primeiros dias do trampo de cara limpa. No terceiro, não aguentou e comprou a Barrigudinha na hora do almoço. Arrumou aquele bico com o Edelvira, que estava sempre jogando sinuca no bar onde ele bebia diariamente, na Barra Funda.

Edelvir era gerente de estoque da loja e em uma noite, como de costume, estava no boteco depois do expediente, com o taco de bilhar na mão, esperando a vez de jogar. Edirley entrou no bar todo suado, arrasando seus 115 quilos de gordura distribuídos em um metro e oitenta. Tinha 56 anos, mas aparentava 70. A barba branca estava batendo em seu peito e o cabelo, também branco como neve, nos ombros. Havia seis meses que não cortava o cabelo ou fazia a barba, desde que a mulher, enfim, o deixou. Cansada de grosserias, ignorância, alcoolismo e, principalmente, cansada do fato dele ser um canalha mau-caráter, ela finalmente o mandou à merda e foi morar com a filha deles, que não falava com o pai havia cinco anos, desde que começara a namorar com um preto, o que ele não admitia. Hoje ela estava casada com “aquele macaco” e eles tinham um “macaquinho”, como Edirley os definia. Ele também tinha um filho mais velho, de trinta anos, de um relacionamento anterior. Com esse, Edirley não falava há 14 anos. Porque, como diziam todos os seus “amigos”, os velhos brancos, reacionários e falidos que frequentavam aquele bar na Barra Funda, “é melhor ter um filho morto do que um filho bicha”. Edelvir não era amigo de Edirley, mas eles se conheciam como frequentadores do bar.

— Eita porra, seu Dirley! Nunca pensou em fazer bico de Papai Noel, não? A loja que eu trampo tá precisando... — disse o gerente de estoque ao vê-lo.

— Aaaahhhh si fuder...

— Eu tô falando sério, caraio! O senhô tá igualzinho! Não precisa nem da barba falsa...

— Tá me tirando, caralho?...

— Oxe, é sério, porra! O tiozinho que tava fazendo bico de Papai Noel lá na loja passou mal esses dia. Saiu de ambulância do Samu. Agora tão procurando outro...

— E morreu?

— Quem?

— O tiozinho que trabalhava de Papai Noel, caralho...

— Sei lá do tiozinho! Vô vê quanto tão pagando e digo pro senhô...

— Ah, se liga... Quem vai querê me contratá pra sê Papai Noel? Nunca fiz isso, tem gente profissional que faz essa merda todo fim de ano...

— Então, no começo a loja foi atrás desses cara aí, mas eles cobra caro demais. Agora tão atrás de um Papai Noel pra fazê bico, mesmo...

Dois dias depois, Edelvira o encontrou de novo no bar. Disse que a loja pagava R\$ 300 por dia ao Papai Noel e que ainda estavam à procura de um. Edirley pensou melhor. Sua situação financeira não andava tão bem. Teve sorte de ter um pai empreendedor, que construiu uma casa na Barra Funda nos anos 1960 — onde agora ele morava — e comprou três apartamentos na região, antes de morrer no início dos 1990, deixando-os de herança para ele, seu filho único. Só um dos três apartamentos, porém, estava alugado. Outro estava com vazamento no cano da privada, e o terceiro, com um ninho de baratas sob o armário da cozinha. Edirley não tomava iniciativa para chamar o encanador nem a dedetizadora, custava caro demais.

Aliás, não foram só a barba e o cabelo que desandaram. Desde que a mulher saiu de casa, Edirley não fez mais nada. Acordava entre as dez e onze da manhã, de ressaca, comia um pão com manteiga, tomava um café com leite e já ia pro bar. Bebia e jogava na máquina de caça-níqueis, que ficava escondida nos fundos, até meio-dia. Ainda no bar, almoçava um prato comercial — geralmente arroz, feijão e bife (dispensava a saladinha). Depois do almoço, ia para casa, ligava a TV no telejornal da tarde e dormia no sofá. Acordava quando já estava escurecendo, na vinheta do fim da novela das seis. E voltava pro bar, onde bebia com os outros velhos decadentes e jogava caça-níqueis até não se lembrar de mais nada. Nunca sabia quanto havia gastado e a que horas havia ido embora do boteco. No dia seguinte, acordava novamente entre as dez e onze da manhã, de ressaca. Um bico de R\$ 300 por dia, pelo menos, poderia deixá-lo mais tranquilo em relação aos gastos com o bar. E Edirley assim topou ser Papai Noel.

Deu mais um belo gole no Corote. Tampou a garrafa e voltou a escondê-la sob o casaco vermelho do Bom Velhinho. Deu uma mijada e bateu uma punheta pensando na loira gostosa e na filha adolescente dela. Principalmente na filha adolescente. Depois voltou ao trono vermelho, na área central do inferno que era aquela loja quente e lotada. Durante a tarde, Edirley foi mais três vezes ao banheiro. Na última



delas, jogou a Barrigudinha vazia no cesto de lixo ao lado da privada. Nem percebeu que errou o cesto e a garrafa ficou no chão. Também não percebeu a moça que organizava a fila do Papai Noel e o gerente geral da loja conversando e olhando para ele com cara de cu, quando voltou pela última vez, cambaleando, ao trono vermelho. Às 17h30, a loja não estava mais tão cheia. Ele só precisaria aguentar mais meia-hora. Além disso, as crianças já não estavam mais se encorajando a tirar fotos no seu colo. Uma ou outra até se aproximava do trono, mas o papai, a mãe, a vovó ou qualquer adulto que a estivesse acompanhando, levava a criança embora dali rapidamente. O que Edirley achava bom (incapaz de sacar que era porque o Papai Noel estava visivelmente bêbado).

Quase no final do expediente, Edirley roncava e suave álcool no trono duro, quando acordou com um menininho de uns seis anos puxando a manga do casaco vermelho. “Mais um pretinho”, pensou, esforçando-se para focar a visão embaçada pelo álcool. O painel digital do relógio da parede indicava cinco para as seis. Faltava pouco para cair fora, e isso o animou. Sorriu para o garotinho que o havia acordado e falou com voz arrastada de bêbado.

— Oi, amiguinho... Quer zzzentar no colo do Papai Noel?

O menino fez que sim com a cabeça, seus olhos brilhavam de alegria. Edirley enfiou as mãos sob as axilas do garotinho e o ergueu, sentando-o sobre sua coxa esquerda.

— Me dá pirulito — foi logo dizendo o garoto.

Edelvir encheu exageradamente a mão com pirulitos do saco vermelho e deu ao menino. Em seguida, olhou em torno para saber onde estava a câmera para a qual deveria sorrir.

— Quê a mamãe, menino?

— Tô com minha irmã, ali.

Edirley olhou na direção em que o garoto apontava. Viu uma menina negra e magra de uns 14 anos, que usava short curto e uma camiseta que deixava a barriga à mostra. Ele não gostava de gente preta, mas gostava de pernas. E as da pretinha eram bem torneadas. Estranhou, no entanto, quando bateu os olhos nos pés da menina. Estavam descalços e encardidos. Também reparou nas manchas de sujeira em suas roupas.

Só então percebeu o odor característico das pessoas que dormiam nas ruas vindo do garoto em seu colo e observou que, assim como a irmã, ele estava encardido e maltrapilho. Levantou-se do trono bruscamente, atirando de qualquer jeito o menino no chão. O garoto caiu com tudo sobre o braço esquerdo, espalhando pirulitos por todos os lados, e começou a chorar, berrando de dor.

Completamente indignada e enfurecida, a irmã do menino voou para cima do Papai Noel, enfiando as unhas encardidas de ambas as mãos em sua cara. Edirley segurou a adolescente pelos pulsos, apertando-os com força, e a atirou sobre o trono vermelho, que tombou para trás.

Dois seguranças chegaram correndo. Um deles agarrou a menina, que já tinha se levantado e ia partir de novo para cima do Papai Noel. No chão, o menininho ainda berrava de dor, com lágrimas rolando pela cara e um enorme ranho verde escorrendo do nariz. Com a mão direita, segurava o braço esquerdo fraturado. Mas foi justo pelo braço esquerdo que o outro segurança o agarrou, içando-o do chão. Isso fez o coitado do moleque berrar ainda mais.

— Vamo te matá, fidaputa! — a menina gritava para o Papai Noel, enquanto era arrastada junto com o irmão pelos seguranças para fora da loja.

Também aos berros, Edirley respondia:

— Vai zze vuder zzzesus trombadinha!... Mendigos fedidos filha das puta! Vai dá o cu na zona, putinha preta de merda!...

Era fim de expediente, mas a loja ainda estava um pouco cheia devido à proximidade do Natal. E toda a clientela parou para assistir à briga do Papai Noel bêbado, cambaleante e violento com as crianças de rua. Alguns filmaram a confusão com o celular e continuavam filmando o Bom Velhinho surtando.

— Zzegurançaz de merda deza loja do caralho!!! Dejá entrá ezes trombadinha aqueee... — continuou berrando Edirley.

Em alguns minutos, os seguranças voltaram, e Edirley estranhou quando um deles agarrou seu braço direito e começou a puxá-lo em direção à porta da loja. Notou então que o outro trazia a sacola com suas roupas, aquela que estava na sala dos armários. Edirley começou a se debater.

— Que é izzzo, cara? Me larga, me larga... Caralho... Si fudê!

Apesar dos 115 quilos de Edirley, o segurança, um cara enorme, musculoso e tatuado, não precisava de muito esforço para arrastá-lo para fora da loja. Fazia isso impassível, sem alterar a expressão do rosto que parecia feito de pedra. Mas o que fez Edirley realmente desistir de sua débil resistência à inevitável expulsão do estabelecimento foi a salva de palmas. Em seu entorno, os clientes e funcionários da loja começaram a aplaudir a ação dos seguranças, o que o deixou confuso. E furioso.

— Vai embora, Papai Noel fida puta!!! — gritou uma velha.

Logo outros começaram a gritar também.

— Filha da puta! — gritou um senhor de terno.

— Cachaceiro! — gritou uma mulher evangélica.

— Papai Noel de meeeeerda! — gritou um daqueles jovens que tiraram onda da cara dele na sala de armários.

— Bêeeebado! — gritou um garotinho que estava no colo da mãe.

Os aplausos e gritos se intensificaram quando os seguranças chegaram à porta da loja com o Papai Noel e o atiraram à calçada junto com sua sacola de roupas. Depois ficaram de braços cruzados, o encarando, enquanto a moça da loja, a que organizava a fila do trono e sempre o olhava com cara de cu, se aproximou e entregou a Edirley, ainda sentado na sarjeta, um envelope.

— Taqui o pagamento que foi combinado, em dinheiro, pra você não vim reclamá depois. Não é pra você voltá mais aqui, entendeu? E pode ficá com essa roupa de Papai Noel, deve ter suado cachaça nela o dia inteiro...

A moça voltou para dentro da loja, enquanto os seguranças continuavam na porta, encarando Edirley. Cambaleante, ele se levantou da calçada. Um enorme rasgo havia se aberto na parte de trás da calça vermelha apertada, deixando à mostra a cueca bege. Mas ele nem notou. Já não ligava também para o calor provocado pelas roupas, agora encharcadas de suor. Deu uma olhada dentro do envelope, estava cheio de notas de cinquenta e cem reais. Tratou de enfiá-lo na parte da frente da cueca, pegar a enorme sacola plástica com suas roupas e sair logo dali. Mesmo bêbado, não era imprudente a ponto de ficar vacilando com aquele envelope cheio de grana no centro de São Paulo. Deu alguns passos e entrou no primeiro boteco que encontrou, sentando-se numa mesa sob o ventilador de teto, decidido a gastar boa parte daquele dinheiro ali mesmo.

— Fala aí, Papai Noel. O que vai sê? — perguntou o atendente.

— Qual é o uízzzzque mais caro que zêis têm aí?

O uísque mais caro que o lugar tinha era Johnny Walker Red Label, treze reais a dose. Falsificado, é claro. Mas Edirley não percebeu. Nas três horas seguintes tomou seis doses, intercaladas com garrafas de cerveja Skol.

A verdade é que o que aconteceu na loja havia mexido com ele. Não saíam de sua cabeça as imagens daquela gente batendo palmas e xingando enquanto era expulso do lugar. “Sou um merda, mesmo. As pessoas me odeiam, minha mulher me odeia, meus filhos me odeiam, meu neto nem me conhece...” E começou a chorar, resmungando sozinho na mesa do boteco, onde acabou dormindo.

— Aí, Papai Noel! Tá na hora de voltá pro Polo Norte!

O rapaz do bar o chacoalhava pelo ombro. Eram quase dez da noite, e o boteco estava fechando. O atendente trazia a conta: cento e cinquenta e um reais e oitenta centavos. Edirley sacou o envelope da cueca, tirou duas notas de cem, deu ao atendente e disse que estava certo. Depois agradeceu o rapaz com emoção exagerada e fez questão de lhe dar um abraço.

Saiu do bar em direção ao Metrô Anhangabaú. Era uma cena insólita. Dez da noite de 22 de dezembro, e aquele Papai Noel completamente bêbado, com uma grande sacola plástica de roupas na mão, cambaleando por uma Xavier de Toledo deserta. A porta do bar foi fechada assim que ele saiu. Era o último estabelecimento da rua a encerrar naquela noite.

A distância até o metrô era curta, coisa de dois minutos. Nesse breve percurso, porém, vários pares de olhos observavam, das sombras, os passos trôpegos do Papai Noel. Quando ele terminou de atravessar a Xavier de Toledo e estava a poucos passos da entrada do metrô, próximo ao alto da escadaria da Ladeira da Memória, viu-se cercado. Pelo menos 20 crianças e adolescentes em situação de rua o encaravam, bloqueando a passagem. A maioria trazia no rosto um sorriso maligno. Alguns tinham pedaços de madeira nas mãos.

— Oooi, crianzazzz... Querem zentar no colinho do Papai Noel? Ho Ho Ho... — perguntou Edirley aos meninos e meninas, em tom sarcástico.

Um adolescente pulou em suas costas e, com o braço em torno de seu pescoço, aplicou-lhe uma gravata. Outro menino deu um chute que atingiu em cheio suas bolas, fazendo com que Edirley caísse de joelhos. Daí em diante, o Papai Noel foi massacrado por chutes, socos e pauladas. Enquanto apanhava, sentiu alguém enfiar a mão por dentro da cueca e tirar o envelope de dinheiro.

Estava seriamente ferido e tinha se cagado e se mijado de tanto apinhar, quando um garoto, que era um pouco mais velho e parecia liderar o grupo, ordenou que o espancamento parasse. O Papai Noel foi então obrigado a ficar de joelhos. Nesse momento, apesar da bebedeira e das pauladas que tomou no crânio, Edirley reconheceu, parados à sua frente, o menininho e a irmã que haviam brigado com ele na loja. O garoto estava com o braço esquerdo em uma tipoia improvisada com um pedaço de pano sujo.

O líder das crianças de rua sacou então uma faca do bolso, daquelas comuns usadas em refeições, pontiaguda e de “serrinha”, e a entregou à menina. Ela encarou Edirley com ódio. Apavorado com aquele olhar e aquela faca, ele começou a suplicar. Lágrimas escorriam pelo rosto ferido a pontapés.

— P... Por favor, menina... Não me mata... Tenho filhos... Tenho um neto...

— Quem decide se você morre ou não, não sô eu. É ele...

E entregou a faca ao irmãozinho, que olhava o Papai Noel com um misto de raiva, tristeza e mágoa. Edirley fez um esforço e sorriu para o garoto.

— V... V... Você não vai fazê izzzo com o Papai Noel, vai?...

A expressão do menino adquiriu então um ar selvagem, e ele disse através dos dentes arreganhados.

— Papai Noel fidaputa!

Quatro golpes da pequena, magra e firme mão do garoto perfuraram a garganta de Edirley, fazendo o sangue jorrar e tingir de vermelho escuro a barba branca do Papai Noel.

**MARCO DE CASTRO** é paulistano, 44 anos, jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero. Castro foi repórter nas editorias São Paulo e Polícia do jornal *Agora São Paulo*, onde também foi subeditor do caderno “Show!”. Autor com uma bagagem sólida de realidade, teve dois contos adaptados para o cinema pelo diretor Dennison Ramalho: “Morto Não Fala”, que inspirou o longa-metragem homônimo, e “Um Bom Policial”, adaptado como o curta *Ninjas*. Também assina o roteiro de *O Aniversário de seu Lair*, adaptação de seu conto original “Aniversário”, dirigida por Dácio Pinheiro. Castro ama o rock! É compositor e vocalista das bandas punk *Aparelho* e *Coice*. Publicou seu primeiro romance, *Morto Não Fala e Outros Segredos de Necrotério* em 2021, pela DarkSide® Books.

